

# FREUD E A EDUCAÇÃO

*Amanda de Carvalho Maia OLIVEIRA<sup>1</sup>*

## RESUMO

O intuito deste trabalho é apresentar aos educadores uma concepção freudiana do desenvolvimento infantil, isto é, o que faz com que uma criança aprenda. O motivo pelo qual um neófito questiona tanto, o que ele deseja em sua busca. Freud investiga o surgimento das preocupações que a criança possui; e para ele as primeiras investigações são sexuais e servem como meio de situar a criança no mundo. Além disso, defende que as dúvidas das crianças estão ligadas às relações paternas. Suas análises percorrem da angústia da castração ao complexo de Édipo. No que concerne à educação, pode-se comparar a transferência que ocorre no sonho com a que ocorre em relação ao analista e ao professor. Essa transferência acontece no inconsciente, e isto faz com que o aluno não possa saber dela, e menos ainda saber como ela se realiza singularmente. É uma situação muito complicada esta que envolve docente-discente. A partir disso, é proposta uma educação não repressora, e sem que o docente renuncie a si mesmo. Pois assim, haverá uma contribuição à formação pessoal do neófito.

**Palavras-Chave:** Freud. Educação. Inconsciente. Transferência.

Freud não publicou nada relacionado ao tema da aprendizagem; suas preocupações estavam voltadas aos problemas clínicos e não a questões especificadamente de educação. Seu principal objetivo era o de tratar as neuroses que afetavam as pessoas, mas após muitos trabalhos descobriu que podia apenas amenizá-las, livrando o indivíduo dos sintomas. Anna Freud tentou mostrar aos educadores uma concepção de como Freud tratava o desenvolvimento da criança e por isso focou o viés da aprendizagem, ou seja, o que possibilita o aprendizado de uma criança. O que faz com que alguém seja um desejador do saber? Por que uma criança questiona tanto, ou seja, o que ela deseja em sua busca?

Freud investiga o surgimento das preocupações que a criança possui. Para ele há um momento de determinação na vida dos homens: é o momento da descoberta da diferença sexual anatômica. A partir disto, as crianças descobrem que meninos são providos de pênis e

---

<sup>1</sup> 3º ano de Licenciatura em Filosofia. Membro do Núcleo de Ensino 2007/2008. Dr. Vandeí P. da Silva e Dr. Sílvio José Benelli. [am\\_filo@yahoo.com.br](mailto:am_filo@yahoo.com.br). UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília/SP.

as meninas não o são. Isto não quer dizer que os meninos e as meninas nunca observaram que eram diferentes, pois ambos já teriam tido a oportunidade de fazer esta constatação. Os meninos poderiam ter imaginado até então que um dia o pênis cresceria também nas meninas. A descoberta concerne na interpretação de que alguma coisa falta. Ela provoca uma certa angústia que é ligada a uma nova compreensão da perda. A nova interpretação do fato é que angustia. Freud a definiu como “angústia da castração”. Novas descobertas angustiam até os adultos, além de poder frustrá-los, o que faz com que tenham de carregar este peso por toda a vida – e talvez a forma de conviver com uma descoberta frustrante é sublimá-la, e a criança não é diferente neste ponto.

Mais tarde, Freud buscou determinantes estruturais que explicassem a passagem das crianças pela “angústia da castração”. Isto o ajudou na construção de sua teoria, no desenvolvimento do complexo de Édipo. Para que a menina se defina como mulher e o menino como homem, os dois devem passar pelo complexo de Édipo; esta definição ocorre graças aos referenciais tirados dos laços com o pai e a mãe. Como já foi dito, a angústia vem de uma nova descoberta, uma nova interpretação de que há diferenças. O querer saber é causado pela angústia; e para que a criança não se angustie tanto, ela acaba por utilizar instrumentos de “investigações sexuais infantis” - não diretamente sexuais. As crianças descobrem que fisiologicamente homens e mulheres são diferentes. Segundo M.C. Kupfer, num relato de Melanie Klein, um menino poderia vir a pensar que homens e mulheres pensam diferente pois os primeiros possuem pênis.

De acordo com Freud, as primeiras investigações são sexuais e servem para situar a criança no mundo, colocá-la em seu lugar: um lugar sexual. As indagações das crianças estão ligadas a relações que elas possuem com os pais. Conforme Kupfer, “o lugar de onde viemos equivale a ‘qual é a minha origem em relação ao desejo de vocês?’; por que me puseram no mundo, para atender a quais expectativas e esperando que eu me torne o quê?’ (para onde vamos?). De novo o Édipo está presente” (Kupfer, M. C. 1998).

Há uma determinada etapa em que o conflito edipiano cessa e parte da investigação sexual é reprimida. A criança sublima em uma pulsão de saber, que é associada às pulsões de domínio e à de ver. É como se a criança tivesse várias portas no seu inconsciente e, com o fim do Édipo, trancasse uma dessas portas. Ela faz isso inconscientemente, pois não pode saber

naquele momento sobre a sexualidade. Como já se afirmou, trata-se de uma criança, e estas não têm seu corpo amadurecido para discorrer a respeito da sexualidade com muito conhecimento material do assunto. Existe uma transferência de interesses sexuais para os não-sexuais. Mesmo assim, a carga energética que é a pulsão continua a exercer sua influência. E com isso, a criança não suspende o ato de interrogar para que possa permanecer pensando sobre as dúvidas essenciais.

O que está atrás daquela mesma porta trancada inconscientemente pela criança, ainda exerce parte de seu domínio; este último se reflete no querer saber focado em objetos não-sexuais. Os objetos sexuais que estão atrás da porta funcionam como uma pessoa que bate incessantemente na porta – e as batidas ressoam muito longe dentro desta mente. Destarte, não se pode colocar a Educação como a principal responsável pela repressão das investigações sexuais.

Sigmund Freud afirmava que a sublimação da investigação sexual se associa com a pulsão de domínio; o saber e o dominar estariam no mesmo patamar. Além do poema “*A mosca azul*”, de Machado de Assis, há num escrito de Galileu Galilei a história de um homem que se encantou pelo canto da cigarra e que desejava muito saber mais sobre o lugar de onde vinha aquele som, ou seja, qual parte da cigarra seria a responsável pela melodia; tanta foi sua curiosidade que acabou por matar a cigarra e assim destruiu a música. A criança também mata bichinhos, desmonta brinquedos, destrói objetos jogando-os no chão só para ouvir o barulho. Ela é uma eterna investigadora que tem como força motriz a curiosidade. É de extrema importância o fato de que o educador tenha entendimento das várias maneiras que a curiosidade possa se manifestar. “O que se pretende destacar é que o modo de lidar com isto depende da compreensão que se tenha desses fatos” (M. C. Kupfer, 1998).

A pulsão de domínio associada à ação de pulsão de morte é que faz com que uma criança mate um bichinho a fim de conhecer; é a curiosidade em sua dimensão sádica. Freud também ressalta a relação da sublimação da investigação sexual com o ver. A pulsão visual é tão importante quanto a oral, a anal e a fálica. Esta pulsão constitui a sexualidade e tem como objeto a fantasia da cena primária, ou cena da relação sexual entre os pais: em que o indivíduo imagina a sua origem. Além disso, o indivíduo se coloca como personagem, pois se identifica com uma das personagens em cena. O desejo de ver coisas novas estão implicados nesta

pulsão. É feita uma ponte entre a curiosidade intelectual, a curiosidade sexual e a fantasia da cena primária. “Não é preciso ir muito longe para estabelecer essa filiação. Basta lembrar o termo bíblico para designar que houve uma relação sexual: Adão conheceu Eva...” (Kupfer, 1988).

A teoria psicanalítica pauta o desenvolvimento intelectual na sexualidade. O que impulsiona a inteligência pesquisadora é algo sexual. Este fato é crucial para diferenciar esta teoria das outras teorias cognitivas do desenvolvimento da inteligência, como a de Piaget. Nos estudos feitos por Clara Regina Rappaport, ela entende que Freud coloca a criança como não tendo um desenvolvimento seqüencial e que as fases de desenvolvimento ocorrem aproximadamente na mesma idade em todas as crianças. É como se o desenvolver biológico comandasse o desenvolvimento psicológico. E assim, tal sucessão de desenvolvimento e a formação da personalidade seriam pré-fixados num curso natural, o que faria com que a criança não fosse ativa em seu desenvolvimento, mas passiva. É o mesmo que dizer que tudo já estaria programado para acontecer, seria uma espécie de determinação psicológica.

Certamente esta é uma leitura que apresenta pontos de equívoco no que se refere à determinação da seqüência das fases de desenvolvimento da criança, já que dizer que estas fases ocorrem na mesma idade para todas as crianças e existe uma pré-programação para o desenvolvimento e personalidade é algo questionável. Apesar da inteligência pesquisadora ser impulsionada por uma carga energética sexual, a criança não é passiva em seu desenvolvimento, pois ela faz investigações, e estas a ajudam em seu desenvolvimento psíquico. Há uma inter-relação entre o desenvolvimento biológico e psicológico. Ainda que haja determinantes que levem a criança a desejar aprender, ela precisa de alguém que intermedeie seu aprendizado; e este alguém é o professor. “Então, a pergunta ‘O que é aprender?’ supõe, para a psicanálise, a presença de um professor, colocado numa determinada posição, que pode ou não propiciar aprendizagem” (Kupfer, 1998).

Não se aprende sozinho: existe uma relação entre professor e aluno. No caso do autodidatismo é criada a figura de alguém que fala, ensina através de um livro. E se não tem um livro presente, há um dialogo interior entre o aluno e algo que é fruto de sua imaginação. Quem nunca estudou sozinho e conversou consigo mesmo, trocando idéias, mesmo que numa conversa interior? O aprendizado supõe um relacionamento de mestre e aluno. O professor só

consegue transmitir conhecimento se é autorizado e acreditado pelo aluno, não importa se está dizendo a verdade ou não. O aprendiz que ouve o seu mestre é porque deu a ele um lugar especial em sua vida. Assim, o mestre ganha um poder de influência sobre o aluno. Na fase da latência a criança dirige ao educador um afeto antes transmitido aos pais, principalmente ao pai; um afeto transmitido ao pai no momento da determinação do complexo de Édipo - para Kupfer, “uma relação afetiva primitivamente dirigida ao pai” (Kupfer, 1998); ele acrescenta: “Bem, isto está correto, mas até certo ponto. Os esquemas desenvolvidos posteriormente pelo próprio Freud apontam numa direção um pouco diferente, nos quais a palavra *afeto* deixa de ter tanta importância” (Kupfer, 1998).

A psicanálise dá importância à relação entre docente e discente e as condições que esta fornece à aprendizagem; o conteúdo não tem importância. A relação professor-aluno apresenta o que se pode chamar de “transferência”. O termo transferência foi usado pela primeira vez por Freud na obra: *A interpretação dos sonhos*, de 1900. Freud acreditava que no decorrer do dia algumas situações marcavam o indivíduo, isto é, os “restos diurnos”. Estas situações marcantes eram transferias ao sonho e nele se modificavam. Passado algum tempo, ele usou o termo transferência para designar a relação analista-paciente, assim como professor-aluno. Do mesmo modo que um paciente poderia transferir seu pai para o analista, um aluno também seria capaz de realizar a mesma transferência, mas para o seu professor – e tudo isto inconscientemente. Por ser inconsciente, seria um bom instrumento de análise deste. Ademais, a transferência faz parte da vida das pessoas e das relações destas.

“Que são transferências?”, perguntava Freud no epílogo de *Uma Análise fragmentária de uma histeria*, escrito em 1901. E ele próprio respondia: ‘São reedições dos impulsos e fantasias despertados e tornados conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Ou, para dizer-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico’.” (KUPFER, 1998).

Tanto os sonhos quanto a sua análise se apresentam no campo do inconsciente. O sonho trabalha com os “restos diurnos”. Em *Cinco Lições de Psicanálise*, Freud relata o caso de uma paciente do Dr. Joseph Breuer; era uma moça que sofria de ataques histéricos, estes

compostos por vários sintomas, dentre os quais uma paralisia do braço direito. Este trauma foi causado por uma alucinação que a paciente teve ao entrar em estado de semi-sonho. Ao adormecer na cadeira apoiou seu braço direito e teve a alucinação de ver uma serpente querer morder o enfermo [na época em que ela adquiriu este trauma, ela tomava conta de se pai que estava doente]; tentou afugentar a cobra, mas seu braço estava adormecido... chegou até a confundir seus dedos com pequenas cobras. É provável que esta paciente já havia se assustado com cobras e por esse motivo teve uma alucinação num estado de semi-sonho. A cobra funcionou como um *resto diurno*, no qual o sonho trabalhou e lhe atribuiu outro significado, devido à transferência dos *restos diurnos*.

De acordo com o que foi explicitado anteriormente, pode-se comparar a transferência que ocorre no sonho com a que acontece em relação ao analista e ao professor. O aluno transfere um sentimento, que antes era direcionado ao seu pai, para a figura do analista ou professor. “O importante é fixar a idéia de que o desejo inconsciente busca aferrar-se a ‘formas’ (o resto diurno, o analista, o professor) para esvaziá-los e colocar aí o sentido que lhe interessa” (Kupfer, 1998).

Na transferência que se faz ao analista ou ao professor, é implicado um desejo que atribui um sentido especial a eles. Essas figuras (analista, professor) ganham poder, já que pela transferência de sentido dada pelo desejo também envolve um vínculo de poder. Outro ponto a ressaltar é que esses objetos em que o desejo opera fazem parte do inconsciente. Muitas vezes, um aluno toma decisões em sua vida baseadas nas de seu mestre. Mas, nem sempre um docente é amado por todos os alunos, talvez apenas um lhe dirija o poder; e este docente nem precisa ser um bom conhecedor da ou das disciplinas em que atua.

O desejo que move a transferência de sentido é processado no inconsciente e isto faz com que o aluno não possa saber dele, muito menos saber como ele se realiza singularmente. O professor somente tem consciência de tal transferência se estiver atento a toda construção do desejo. Porém, não poderá ter consciência total, já que isto é para o analista. O aluno concede o poder ao professor por desejo inconsciente. O docente é impulsionado a abusar deste poder e o usa para reprimir o discente, inflingindo-lhe seus próprios valores e idéias; quer destruir a ação do desejo do aluno e instaurar a ação do seu próprio desejo, isto é, fundará sua autoridade. É como se o docente tivesse o papel de regular o discente, de submetê-lo ao

seu próprio jugo. A Educação então é submetida a uma lei fixada pelo pedagogo que não aceita discussões, no que diz respeito à suas idéias. O aprendiz que é educado desta maneira se torna capaz de decorar conteúdos e repetir como um papagaio; tornar-se-á um sujeito passivo. “É evidente que nós também não educamos as crianças só pelo bem delas, mas também, e talvez principalmente, por razões egoístas” (F. Savater. 1998).

É uma situação muito complicada esta que envolve docente-discente, pois o primeiro também tem seu próprio desejo inconsciente. Ele é mestre e ensina devido a um desejo. Porém, deve abrir mão de seu desejo para deixar que seu aluno seja um sujeito ativo e possa sair dessa relação sem frustrações – *descobrir a si próprio*. As escolas, os educadores, criam forças, máquinas úteis que dão continuidade ao trabalho. Ao passo que algumas pessoas morrem, outras estão ou já estavam moldadas e prontas para a substituição. Os educandos são transformados em sujeitos passivos, meros produtos de substituição. O que até certo ponto chega a ser algo alienante.

Os alunos não têm autonomia, são sujeitados a obedecer a uma lei disciplinar. “O neófito começa a estudar, em certa medida, à força. Por quê? Porque lhe é pedido um esforço, e as crianças só se esforçam voluntariamente naquilo que as diverte” (Savater, 1998). Acrescenta Savater que, “a recompensa que coroa o aprendizado é demorada e, além do mais, a criança só a conhece de ouvir falar, sem entender muito bem do que se trata” (Savater, 1998).

Ainda assim, as crianças são muito curiosas; e, em decorrência disto, são extremamente investigativas. Porém, a curiosidade delas é muito mais instantânea, e não tão sistemática do que se precisa para estudar disciplinas escolares como aritmética, química ou história. A curiosidade infantil é muito importante à educação que deve desenvolvê-la. A criança não se importa com o conhecimento que lhe falta; é o professor que deve adquirir a confiança dela, e com isso despertar um anseio pelo conhecimento.

Os escritos de Michel Foucault, e de seus seguidores, representam um papel significativo na relação entre poder, vigilância e educação. Ao contribuírem com a análise do desenvolvimento da escola, colocando esta como sendo um meio de controle social, conectaram-na com o reformatório, o cárcere, o manicômio e só então situaram o processo educacional no tempo e na história. Atualmente, não são utilizados mais os castigos físicos

para controlar o aprendizado, mas a repressão adotada é aquela que age no psicológico, com a intenção de criar massas produtivas. Em cada época existe um grupo dominante que controla o poder disciplinar de acordo com os seus próprios interesses. Os grupos dominantes de cada época podem até achar que exercem total vigilância sobre seu povo, pois pensam que podem controlar a maneira de agir deles, mas o que não sabem, ou fingem não saber, é o fato de não controlarem o que cada indivíduo pensa em seu íntimo.

Da mesma forma, pode-se afirmar que a aproximação da psicanálise da Educação constitui um grande desafio. O inconsciente é como uma grande porta de entrada que fica trancada; não sabemos o que vamos encontrar por detrás dela. Num tratamento psicanalítico, o analista pode saber qual o problema do paciente e como deve proceder no tratamento. Todavia, não tem controle sobre os efeitos que provoca no paciente, isto é, quais os caminhos o sujeito analisado irá seguir. A educação também enfrenta um desafio, pois não pode conhecer os efeitos que gera em seus alunos. “Pensar assim leva o professor a não dar tanta importância ao conteúdo daquilo que ensina, mas a passar a vê-los como a ponta de um *iceberg* muito mais profundo, invisível aos seus olhos” (Kupfer, 1998).

Freud notou ser impossível ensinar como um pedagogo clássico, ou seja, dar uma aula e pedir para que os alunos reproduzam o que entenderam. Com isso, é possível afirmar que a Psicanálise serve ao professor como indivíduo, e de modo algum à Pedagogia como um todo. Ela ajuda na assimilação de uma ética, de um modo de conduzir a educação. Em cada indivíduo ela pode atuar de uma forma, produzindo saberes. Além disso, pode ser útil à Antropologia e Filosofia, dentre outras disciplinas. Logo, se a Psicanálise trabalha com o inconsciente, do qual não se pode prever nada, é impossível a criação de um método que vincule Pedagogia e Psicanálise, pois isto implica numa imprevisibilidade.

No que diz respeito ao poder que permeia o relacionamento entre docente-discente, Freud examinou a fundo esse poder que é dado aos educadores e o impulso de exorbitar dele. Tratou da repressão que a Pedagogia faz uso para ensinar, que necessita da energia sexual sublimada. “Como fazer uso do controle e ao mesmo tempo renunciar a ele?” (Kupfer, 1998). O professor que se guiar pela Psicanálise deve realizar uma busca a esta questão. Tem de ser capaz de ensinar o conhecimento aos alunos, mas tem que estar ciente de que eles darão importância ao que lhes for conveniente; além de manterem seus desejos mais íntimos

guardados a sete chaves. Permitir isto nos alunos é essencial ao desenvolvimento intelectual deles como indivíduos de personalidade própria. A subjetividade de cada um processa o ensino criando novos conhecimentos. Quando o professor nega o poder que lhe é dado, está preservando o íntimo de cada um de seus alunos. O que se chama insolência não é arrogância e nem agressividade: é o ímpeto de conquistar a própria autonomia. É através da interrogação que se afirma a liberdade. Em alguns momentos, a insolência é incômoda aos professores sensatos, psicanaliticamente orientados. Entretanto, é necessário unir na educação o respeito com uma certa irreverência, com um caminho de amadurecimento intelectual.

O educador deve agir segundo a arte da persuasão, sem dominar. Muitas vezes, o aluno descobre sua vocação graças a um professor e não à matéria que este transmite. O docente não pode deixar de ter sua própria personalidade, de ser ele mesmo. Mas tem a obrigação de controlar os excessos e a tentação do poder. É preciso: “matar o mestre para se tornar o mestre de si mesmo, esta é uma lição que, já vimos, pode ser extraída até mesmo da vida de Freud” (Kupfer, 1998).

O mestre que recebe a transferência do aluno, e que freia a tentação de dominar, se liberta de uma carga excessiva e indesejável, ao passo que se torna impotente diante de outro ser humano para ajudar este a ser uma pessoa livre e produtiva – e isto tudo é algo muito penoso. Ao aceitar que não deve obrigar o discente a seguir as vias da educação repressora, e sem renunciar a si mesmo, o docente está contribuindo à formação pessoal do neófito. Este último tomará posse real do saber, além de alicerçar condições para futuros saberes e conhecimentos.

## Referências

KUPFER, M. C. *Freud e a Educação – o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 1998.

SAVATER, F. *O valor de educar*. Tradução de M. Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 107 -132.

RAPPAPORT, C. R. Modelo Piagetiano. In: *Teorias do Desenvolvimento - Conceitos Fundamentais*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1981. Vol. I

FREUD, S. *Cinco Lições de Psicanálise*. 2.ed. Tradução de Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1930.

## **Agradecimentos**

Agradeço especialmente aos professores que tornaram possível os meios da minha pesquisa: Dr. Vandei P. da Silva e Dr. Sílvio José Benelli, e a todos aqueles que me apoiaram.

**ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/08**

---